Marcia **Dallari**

ROMANXORCISMO

Doze contos de amor, sexo e dor de cotovelo

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Marcelo Carpinetti

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
Vitor Assis

FOTO DA AUTORA
Bruna Hissae

DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D144r DALLARI, MARCIA. 1980-
ROMANXORCISMO / MARCIA DALLARI. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

102 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-xxx-x

1. CONTOS I. TÍTULO

CDD.: B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Codex Sexus

O *Codex Seraphinianus* estava dentro de uma estante fechada com vidro, sobre um pequeno cavalete e com uma luz direta destacando o colorido da página exposta. Podia ser visto no corredor do segundo andar entre outros itens de colecionador, mas apenas uma, das cinco mulheres que estavam na fila do banheiro, reparou naquele livro de quase 400 páginas de ilustrações bizarras e escritas sem sentido.

Mariana encarava a página aberta com o desenho de um casal se transformando em um crocodilo enquanto transava. Era uma sequência de dez imagens até a transformação completa. Dois humanos, unidos pelos seus órgãos sexuais, se metamorfoseando em um réptil. Por que crocodilo? É um bicho que transita na terra e na água, mundo espiritual e terreno. Algo que está abaixo da superfície, mas que pode emergir a qualquer momento...

– Ei, é a sua vez. – disse a menina de vestido vermelho que estava atrás de Mariana na fila do banheiro.

Ao entrar, Mariana foi até o espelho e levantou a língua. Não havia mais nada lá. Notou que as suas pupilas estavam do tamanho de jabuticabas.

Enquanto descia as escadas para o primeiro andar e a batida grave da música eletrônica soava cada vez mais alta, Mariana questionava sua decisão de ter ido para a festa de um homem que mal conhecia e de ter aceitado a droga que ele lhe ofereceu. Rafael era o mais novo escritor contratado pela editora em que ela trabalhava e do qual nunca ouvira falar até o dia em que foram apresentados pelo editor-chefe, durante um almoço de trabalho. A aparência e os modos dele despertavam nela um sentimento dúbio entre admiração e repulsa.

– Já fez efeito? – perguntou Rafael, vindo em sua direção.

– Acho que sim. Já tive alucinações com o *Codex Seraphinianus* na estante do corredor do segundo andar. Aliás, você tem um gosto curioso para literatura.

– Fico feliz que tenha reparado. Aquela ilustração exposta é a minha favorita. Chamo-a de *A Transformação de Krokodilia*.

Mariana ficou sem entender, mas, antes que pudesse lhe perguntar o porquê daquele título, ele continuou: – Venha, vou te levar para um lugar bem mais legal: a festa da festa.

Rafael a levou em direção aos fundos da casa, até uma edícula de dois andares coberta por trepadeiras. As janelas estavam fechadas, mas era possível ver uma luz vermelha saindo por uma pequena fresta aberta.

Na porta de entrada, um segurança pediu para que ela deixasse o celular em uma caixa e assinasse um papel. O documento exigia confidencialidade sobre o que seria visto e experienciado naquela noite, o que deixou Mariana ainda mais curiosa para entrar naquela que parecia ser a festa da festa.

Quando passaram pela cortina que separava o hall do primeiro ambiente, Mariana sentiu uma vertigem e fechou os olhos por alguns segundos. Ao inspirar o ar com força, sentiu um cheiro de sexo invadir seus sentidos. Abriu os olhos e enxergou uma ampla sala com poltronas de couro e chaise longues de veludo negro. Sobre elas, pessoas seminuas estavam tocando, beijando e chupando umas às outras. Espelhos distribuídos em todas as paredes refletiam a iluminação vermelha sobre os corpos entrelaçados. Mariana virou-se apressada para Rafael, mas tudo que ele precisou fazer foi enfiar a língua na boca entreaberta dela para evitar que o espanto fosse externalizado.

O gosto da boca de Rafael era uma mistura de vinho e fumaça de cigarro, deixando um rastro amargo a cada movimento feito pela língua durante o beijo. Ele a levou até uma chaise longue no canto da sala e a sentou. Com os lábios próximos ao ouvido de Mariana, disse calmamente:

– Dentro desta sala você é livre para explorar o seu corpo e buscar novas sensações. Ignore seus preconceitos e não se preocupe com as culpas. Separe seu corpo de sua consciência.

– Como assim?

– Eu escolhi você para participar da coleta de informações do meu novo livro ou, se preferir, para ser minha cobaia literária. Divirta-se como preferir, não há regras. Ao final da noite, uma mulher de bata branca lhe fará algumas perguntas. Responda com a sua verdade.

– Perguntas?

***

A atmosfera estava densa e turbulenta e, pela segunda vez, eu questionei as minhas decisões durante a noite. Tomar ácido e participar de uma suruba não estava nos meus planos, mas a ideia de fazer essas duas coisas não me desagradava por completo. Eram experiências que podiam constar em meu repertório de mulher independente e descolada. E se o livro do Rafael fizesse sucesso, eu diria que havia participado do processo de construção. Além disso, seria uma boa história para contar em um jantar e chocar as minhas amigas casadas, para quem o máximo de transgressão sexual já cometido foi se masturbarem pensando no Christian Grey.

Depois que me convenci a permanecer na festa, percebi que as pessoas estavam tão entretidas entre si que pareciam não se importar com a minha presença. Do meu lado direito, um casal estava acariciando o sexo um do outro por dentro da calça. À minha frente, um homem chupava os seios de uma mulher enquanto outro estava debaixo de sua saia. Já a mulher, chupava entretida o canudinho de sua bebida. Fiquei observando os casais à minha volta até ser abordada por um homem. Eu não soube distinguir se os olhos dele eram fundos e negros como um buraco na noite ou se era a máscara que estava usando quando ele me beijou no rosto e começou a desabotoar a minha camisa. Os seus dedos eram ágeis e cuidadosos, libertando os botões de suas casas, o fecho do sutiã, o zíper da minha saia. Quando eu estava quase nua, ele me deitou de costas e debruçou-se por cima de mim, contornando a linha da minha coluna com a ponta da

sua língua. Ao chegar em meu quadril, arrancou-me a calcinha e enfiou a cara no meio da minha bunda.

O homem parecia estar sob o efeito de uma droga diferente da que eu tinha tomado. Os movimentos dele eram vagarosos, com sua língua penetrando meu cu e, em seguida, pela vulva, até ficar vagando pelo clitóris, sem pressa. Eu sentia que a minha boceta era de borracha e que se expandia e dilatava a cada vai e vem da língua daquele homem. Eu desejava mais velocidade, mais intensidade. Queria ser penetrada, mas, ao invés disso, outro homem aproximou-se e ofereceu-me o pau. Eu o engoli lentamente, seguindo o mesmo ritmo no qual era chupada.

De quatro, com um homem por trás e outro à minha frente, imaginei ter uma cauda e um bico, uma boca projetada. Nessa posição, eu sentia minha pele ficar mais grossa, meus dentes mais afiados e meus instintos mais aflorados.

Quando os homens se cansaram de mim, deixaram-me com o corpo ainda insatisfeito. Gozar sempre fora um ápice pouco conquistado e sob efeito de drogas não seria mais fácil. Ainda nua, caminhei pela sala procurando quem me saciasse. Passei por vários dedos, línguas, mas os paus só desejavam a minha boca – nenhum homem ousou me penetrar por mais que eu tivesse suplicado.

Ainda acelerada do ácido, mas com a boceta começando a inchar de tanto estímulo, eu estava vestindo-me para ir embora quando Rafael aproximou-se.

– Não se vá ainda. Você não está curiosa para saber por que ninguém a penetrou durante toda a noite?

– Sim. Curiosa e com o desejo escorrendo por entre as pernas.

– Porque os outros homens serviram apenas excitá-la. Será o meu pau que satisfará os seus desejos esta noite.

Encarei Rafael para decifrar aquele rosto de esfinge que tanto me perturbava. Percebi que eram os olhos de gato, olhos de quem tudo pede, mas que nada devolve, que me irritavam. Olhos de quem exige servidão, adoração. Desci então meu olhar na altura do seu pau para verificar se o volume compensava ceder aos caprichos dele. Rafael percebeu minha intenção e esforçou-se para responder à altura, arremetendo-se sobre mim como um felino gigante e arrancando-me a roupa que eu acabara de vestir.

Ele não me penetrou de imediato. Começou esfregando-se sobre mim para despertar a vontade não saciada de toda a noite. Para acumular mais líquido em minha boceta e me fazer abrir as pernas. Para me obrigar a ceder e suplicar pelo seu pau quente e grosso.

Ao sentir a sua rigidez escorregando em minha excitação, submeti-me ao seu vai e vem, aos movimentos que ele oferecia para saciar a urgência de nós dois.

Estávamos tão eufóricos que sentíamos que os nossos corpos não iam demorar para alcançar o êxtase. Quando percebeu que a minha respiração estava se alterando, ele acelerou os movimentos e disse em meu ouvido:

– Goze agora, goze comigo. Entregue-se. Transforme-se comigo.

Eu senti que estava saindo do meu corpo. Deixando a minha forma humana para ter escamas impenetráveis, mandí-

bula poderosa e dentes afiados. Eu era um crocodilo submerso no rio pronto para atacar a presa em uma única bocada. Meu corpo estava tão sensível que eu podia detectar o mais sutil dos movimentos. Eu voltei à minha forma mais primitiva: um animal com um instinto que o obriga a sobreviver e perpetuar a espécie para permanecer no mundo por mais 200 milhões de anos.

Quando os espasmos de prazer pararam de percorrer o meu corpo, desacelerarando a minha respiração, olhei à minha volta e percebi que as pessoas da festa permaneciam transando em si, mas, agora, assim como eu, vestiam a sua forma animal. Eu ainda era um crocodilo e comigo estavam rinocerontes, cavalos, pássaros exóticos, gazelas e leões. Não havia diferença entre o topo e a base da cadeia alimentar. Ninguém parecia querer devorar a outra espécie, apenas se deliciar com a disponibilidade do sexo ofertado em um cio incessante: rinoceronte com pavão, macaco com girafa, cavalo com tubarão. Todos transando entre si, como uma grande suruba na arca de Noé. Permaneci entre eles admirando a mistura das espécies e desfrutando de sua liberdade original. Lembrei de quando meu pai me levava ao zoológico e eu me assustava com a mistura dos sons que os animais emitiam quando agitados. Eu tinha a sensação de que os ruídos, unidos, transmutariam-se em uma única criatura, a maior de todas e a mais forte. Um *King Kong*. Uma entidade suprema que libertaria todos de suas jaulas.

***

www.editorapenalux.com.br
medium.com/@marciadallarimesquita

marcia.dallari@gmail.com

/marcia.dallari